



O distinto soprano lirico GARCIA BLANCO, que tão aplaudido foi na recente epoca lirica do Coliseu dos Recreios

II série — N.º 527

Lisboa, 27 de Março de 1916

Assinatura para Portugal,
colonias portuguezas
e Hespanha: { Trimestre 1\$20 cty.
Semestre. 2\$40 ..
Ano 4\$80 ..
Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa
Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e officinas: rua de Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

LIZOS

Tafteta
Crepe
Charmeuse
Gabardine
Eolienne
Falia
Cotelé
Veo
etc.

Imprensos

Escocês

Riscados

Sederia

Suissa

**directamente da Suissa,
franco de porte
a domicilio!**

Peçam hoje mesmo amostras das nossas sedas novidades garantidas solidas para vestidos e blusas: Tafteta, Crêpe, Charmeuse, Gabardine, Eolienne, Falia, Cotelé, Véo, etc. Cambraia suissa 12 cm de largo desde fr. 1.50 o metro.

Grandíssima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr.

Esta collecção é enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa nova collecção de bordados suissos contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suiso. Blusas e vestidos para senhoras, meninas e crianças, em Cambraia, Véo, Crêpe, Organdie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90. Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente em todos os padrões.

Esta collecção é igualmente enviada franca contra remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co.

Lucerna, E 1
(Suissa).

Casa Suissa — Mercadorias Suissas.



TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA

ROSA D'OURO

COLASAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Vizella

O MELHOR SABONETE

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09
ASCENSOR

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações	990:000\$000
Obrigações	323:910\$000
Fundos de reserva e amortização	999:400\$000
Total	950:310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlianãia e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depósitos:* 276, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSO MANOEL, 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado.* Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

OFICINAS DA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcedivel perfeição.

TRABALHOS DE

Zineogravura, Fotografura, Setereotipia,

Composição e Impressão

Zineogravura e Fotografura em zinco simples de 1.ª qualidade cobreado ou nikelado. Em cobre, a côr, pelo mais recente processo—o de tricromia. Para jornaes, com tramas especiaes para este genero de trabalhos. Setereotipia de toda a especie de composição. **Impressão e Composição** de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diários da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SEculo, 43—Lisboa

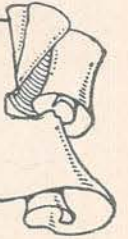


Revista Portuguesa

CRONICA

N.º 527

27-3-1916



Serenidade

O estado de guerra com a Alemanha e com a Austria é um facto. Se antes da verificação desse facto todos os portuguezes podiam discutir livremente a conveniencia ou inconveniencia da nossa participação na guerra,— agora, declarada a beligerancia, a liberdade de discussão cessou. Estamos perante factos consumados. Hontem,— a opinião era um direito. Hoje,— o silencio é um dever. Praticavam mal aqueles que, antes de declarado o estado de guerra, pretendiam coartar a livre opinião alheia; não praticam bem aqueles que, esclarecida finalmente a nossa situação exterior, perturbarem, com discussões inuteis, a fecunda serenidade da nação que se arma. Passou a hora confusa das palavras. Chegou o momento decisivo da acção. O paiz espera tranquillo,— com a serena consciencia das responsabilidades que se aceitam, com a calma dignidade do dever que se cumpre.



Primavera

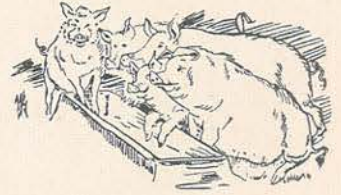
Aquele pequenino fauno ligeiro, cornicabro e felpudo, que nos fins de março espreita entre os troncos das florestas, cabriola sobre a relva humida e luminosa dos prados, aspira com o focinho róseo e hirsuto o cheiro acre das primeiras flores e arfa voluptuosamente, saciadamente, quando o oiro fulvo do sol lhe escorre, tremendo, entre o pêlo macio,— entrou hoje, ao meio dia, pela minha janela; foi apagar brincando, no fogão do meu quarto, as ultimas brazas que crepitavam; apontou-me a rir, pelo azul do céu, o vôo das primeiras andorinhas; e agarrando entre dois dedos desdenhosos a gola do meu enorme casacão de friorento, segredou-me ao ouvido:

— Pois tu não sentes que a primavera chegou?

O elogio do porco

Já ha carne. Como tudo nesta boa terra é contraditorio,— a carne reapareceu na Quaresma. O

Simão do ultimo livro de Sousa Costa já pode praticar, antes de recolher-se á arvore mitologica da «Ilha da Felicidade», a liturgia sangrenta do meio bife. Gargântua voltou,— gelatinoso, intoxicado, formidavel. Quer isto dizer que, durante os mezes em que não se mataram bois, a cidade deixou de comer cadaveres? Evidentemente, não. O regime do cadaver subsistiu, — mais gordo, mais oleoso, mais ressumante ainda. Emquanto a serenidade dos bois, ruiva, biblica, patriarcal, continuava a engordar pacificamente na lezíria,— um pobre animal rosado e espesso, hediondo e quasi humano, Sócrates e S. Francisco de Assis, ia prestando, sósinho, o incalculavel serviço de alimentar a cidade: o porco.



Marqueza d'Alorna

O nobre general sr. marquez d'Avila e de Bolama acaba de publicar um novo livro: «Marqueza d'Alorna». Esse livro é duplamente notavel pelos documentos ineditos que contém e pela interessante iconografia que reproduz. Os documentos, encontrados no arquivo da casa solarenga de S. Domingos de Bemfica e agora publicados, são cartas dirigidas a seu pae pela quarta marquiza d'Alorna, quando presa de Estado no mosteiro de Chelas, e fragmentos das «Memorias ineditas» do marquez da Fronteira, em cuja despretenciosa leveza passa, como numa aguarela de Eugenio Lami, a figura septuagenaria da «marqueza-Alcipe», ainda vestida de rendas e rodeada de poetas. O exemplo do sr. marquez de Avila e de Bolama, iniciando a publicação dos documentos da casa Fronteira, deve ser meditado e seguido por outras grandes casas da antiga nobreza portugueza, em cujos arquivos se encontram, sequestrados a todo o trabalho de ordem e de investigação, manuscritos do maior interesse historico.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

Portugal na guerra



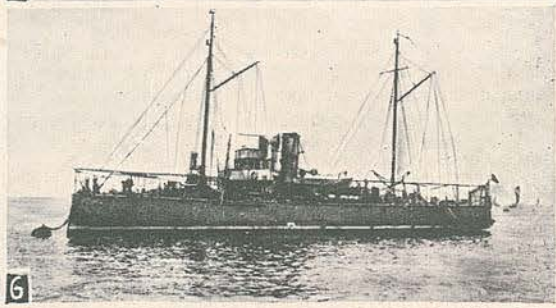
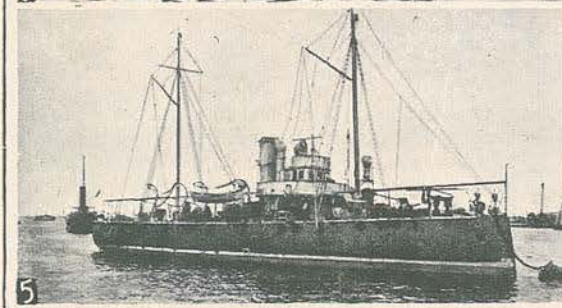
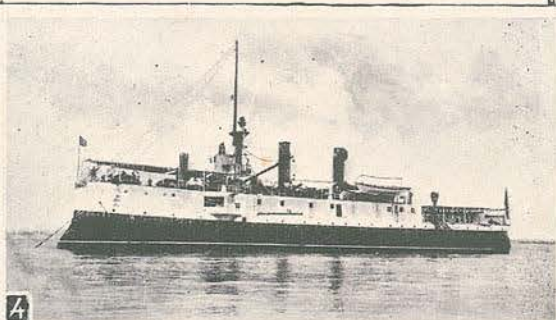
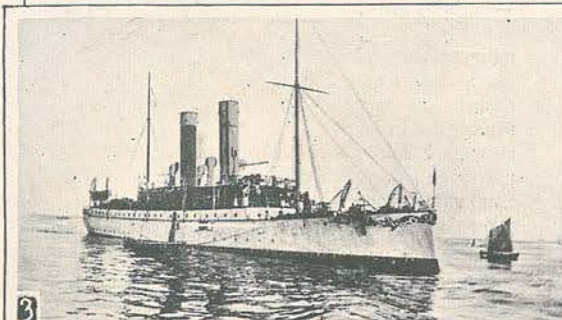
O sr. Vitor Hugo d'Azevedo Coutinho.
ministro da marinha



O sr. Alvaro Ferrelra,
major general da armada

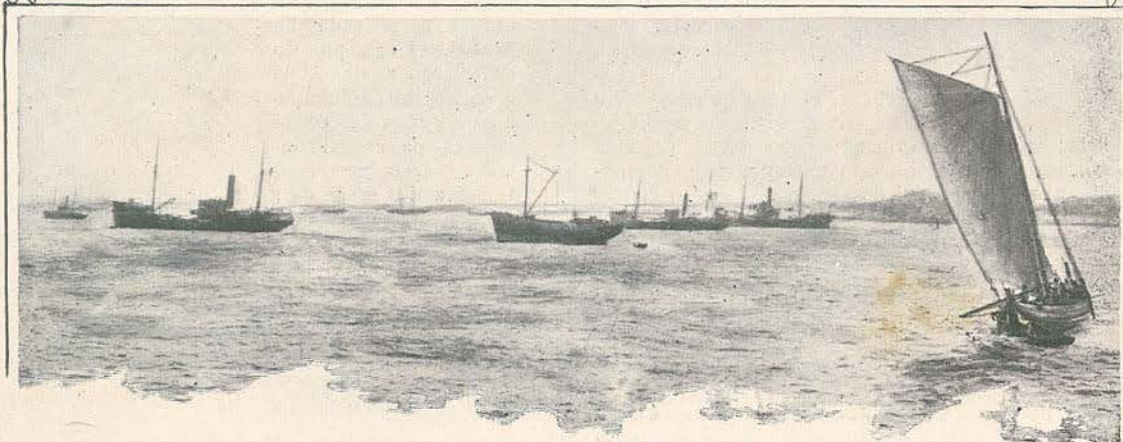
A Austria, como submissa aliada da Alemanha, tambem rompeu relações com Portugal, embora se não considere em estado de guerra, tendo-se já retirado o seu ministro. A Turquia e a Bulgaria foram mais longe na sua subservencia: dizem os telegramas que declararam guerra a Portugal.

Tanta gente que jurou pelo nosso exterminio, e nós sem a menor preocupação, sem a minima sombra de terror! O espirito publico entre nós já ha muito que se habituára á idéa de, mais cedo ou mais tarde, entrarmos na guerra. Não a



3. O aviso 5 de Outubro
5. A canhoneira Ioo

4. A canhoneira Patria
6. A canhoneira Beira

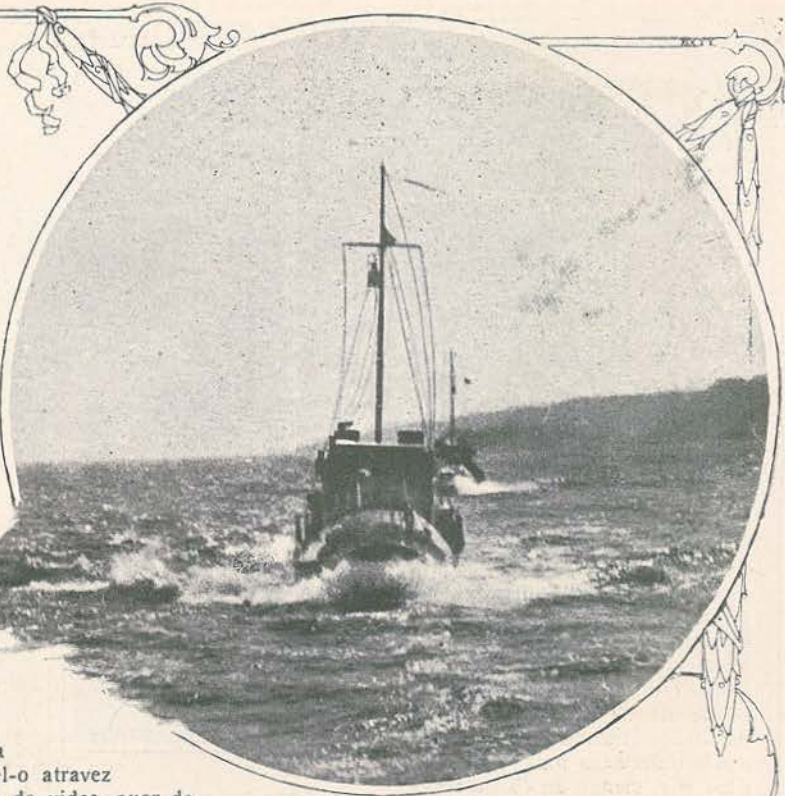


Os caça-minas francezes no Tejo

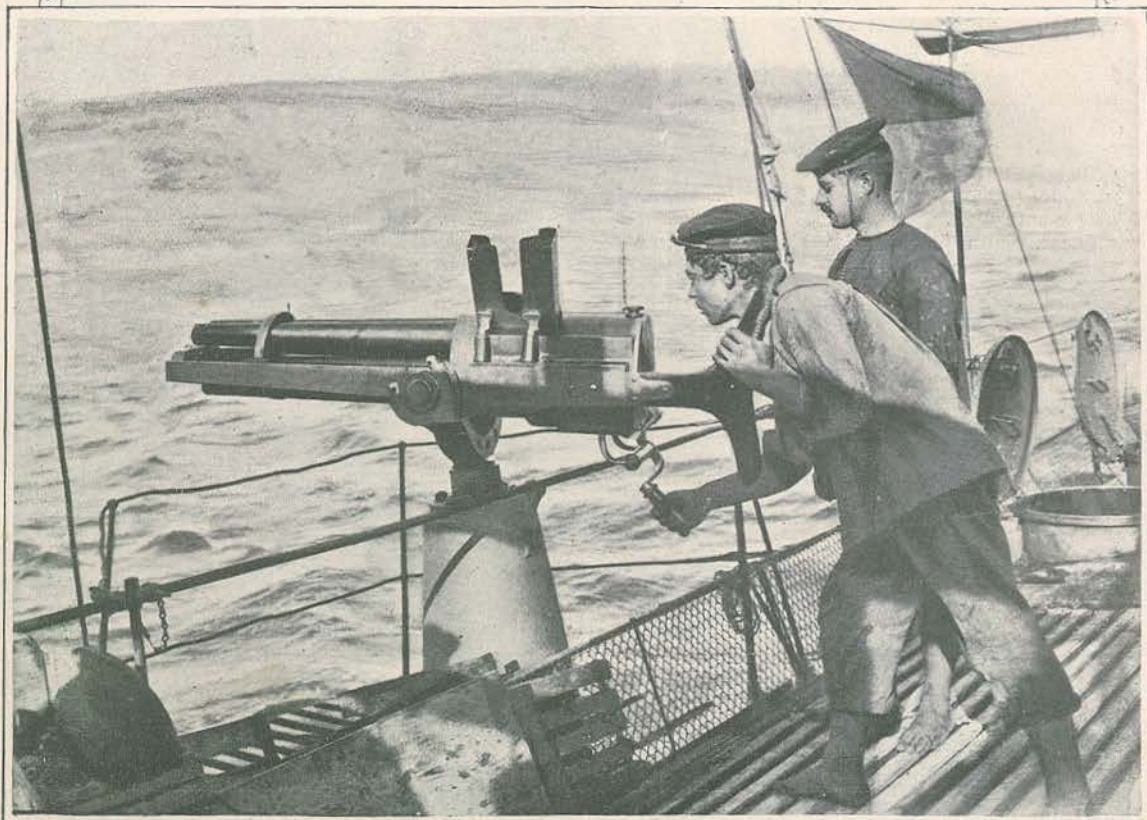
declarariamos á Alemanha apesar da sua provocação em Atrica; mas tambem nunca deixariamos de proceder nobre e desassombradamente, fosse qual fosse o risco d'ela nol-a declarar. E assim aconteceu.

Estamos hoje de facto na guerra, como ha muito estavamos em espirito. Para bem arcar com estas situações extremas a preparação espirital é mais difficil que a material. O povo portuguez convenceu-se no decurso de vinte mezes de guerra que os honrosos compromissos de uma aliança secular e a necessidade de defender os proprios interesses, postos em jogo pelo cezarismo germanico, o levavam sem vacilancias a entrar n'ela. Estava vencida a maior difficuldade. Desde que ele se resolveu a pegar em armas, ha de fazel-o atravez de todos os sacrificios, quer de vidas, quer de fazenda.!

E' assim que se explica o pequeno abalo



Torpedeiro no mar alto



Regulando o tiro



Lançamen'o de um torpedo pelo torpedeiro n.º 3



O sr. Oscar Blanck, o primeiro avlador portuguez que tirou o seu *brevet* em Paris. Nasceu em Lisboa e, apesar de ser de origem alemã, apresentou-se ao ministério da guerra oferecendo os seus serviços.

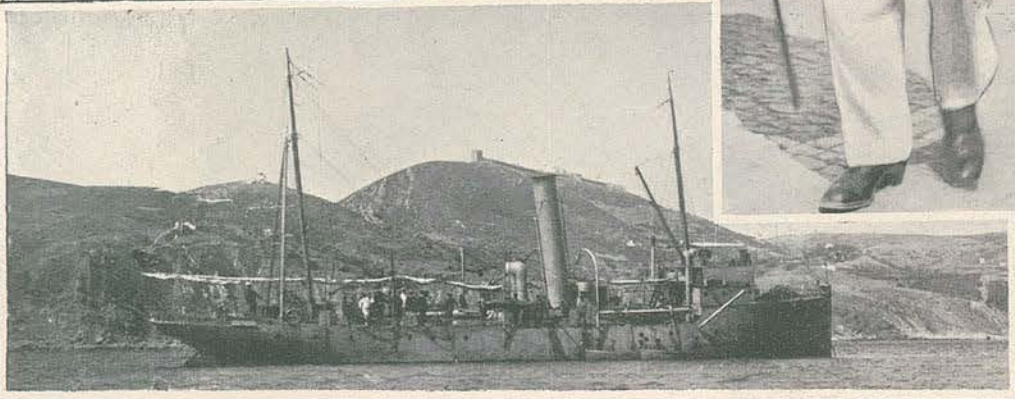
causado pelos decretos de defeza nacional. Foram suspensas as disposições legais em vigor que mandam passar á situação de reforma os officiaes que atinjam a idade de 70 a 75 anos e são mandados submeter a juntas de saude de revisão todos os cidadãos com menos de 45 anos que tenham sido isentos do serviço militar por incapacidade fisica e todos os militares, que pelo mesmo motivo tenham passado ou venham a passar á situação de reserva ou de reforma.

Estas primeiras medidas do governo foram bem recebidas mesmo por aqueles a cuja vida economica elas podem trazer perturbações de importancia. A attitude dos portuguezes não podia ser outra deante do que é equitativo. Não chegando o elemento militar que tem por função a defeza do Estado, não se pôde, por principio algum, eximir a suprir essa insuficiencia o elemento civil.

Defendam a patria todos os que podem e todos os que devem defendel-a. Ninguem se exima ao cumprimento d'esse dever sob qualquer pretexto que não seja rigorosamente justificado: nem os que, já alistados, juraram pela sua honra defendel-a, nem os que por enquanto apenas são dominados pelos ditames patrioticos do seu coração.

A animação e o ardor belico que reinam entre uns e outros,

O sr. barão de Kuhn, ministro da Austria em Lisboa



O caça-minas portuguez *Vulcano*



1. e 2. Infantaria regressando d'uma escola de repetição

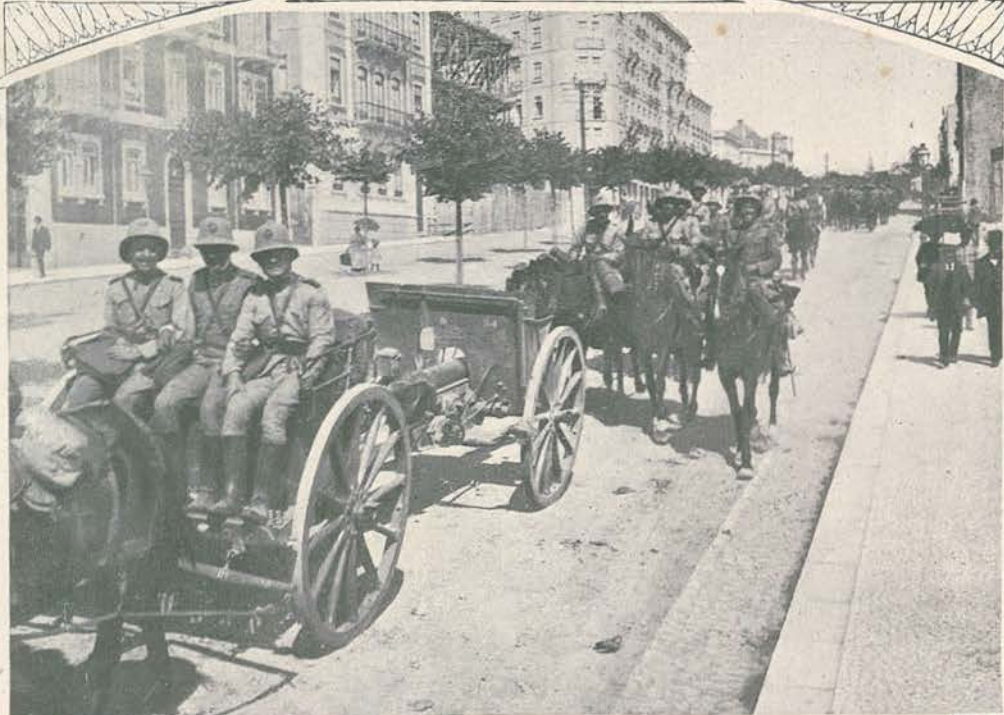


o vivo sentimento do dever que os confunde a todos na mais comove-



Cavalaria em marcha

dora solidariedade, constituem o seguro prenuncio da gloriosa parte que havemos de ter na vitória final.

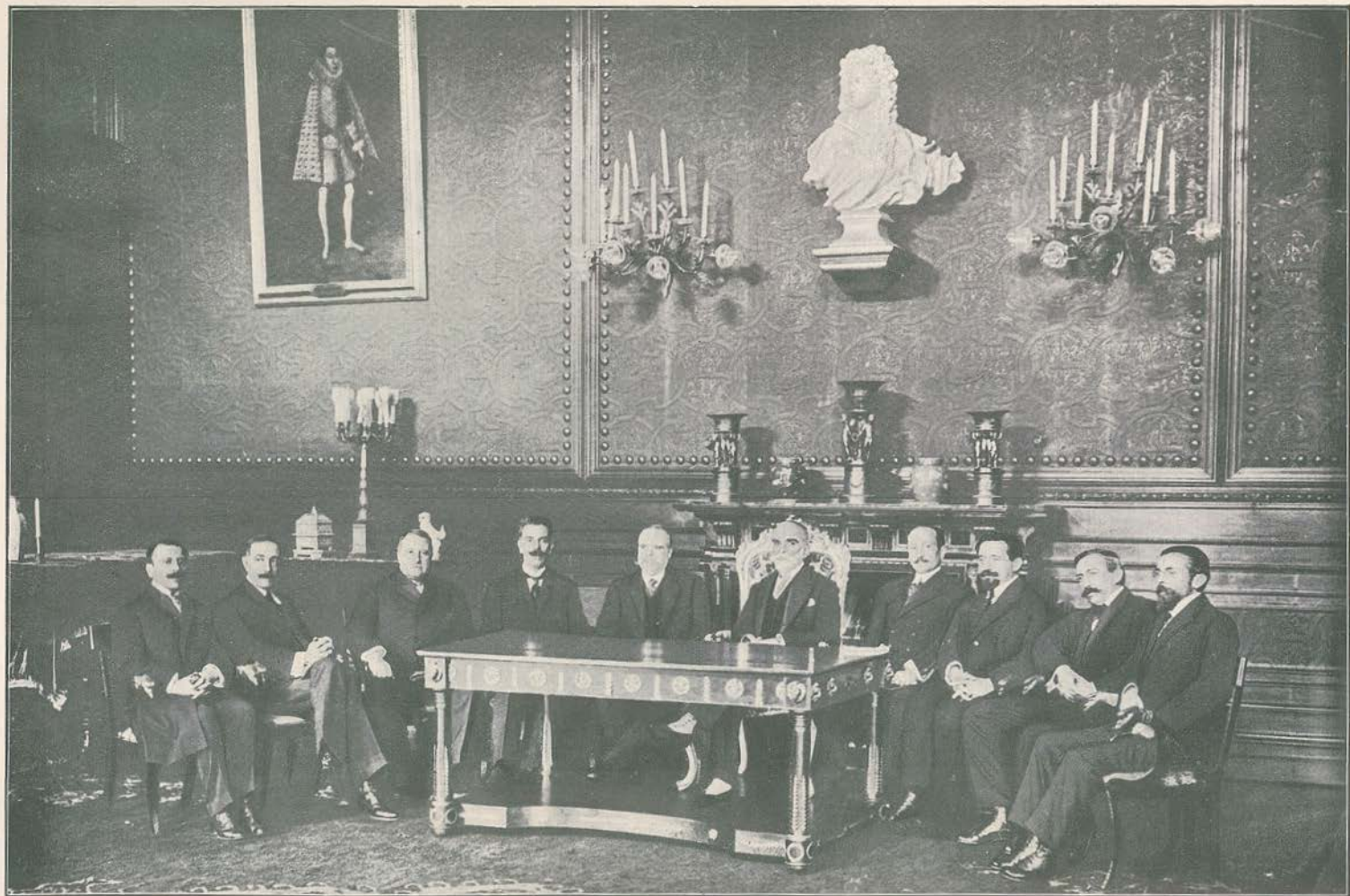


Volta de exercícios



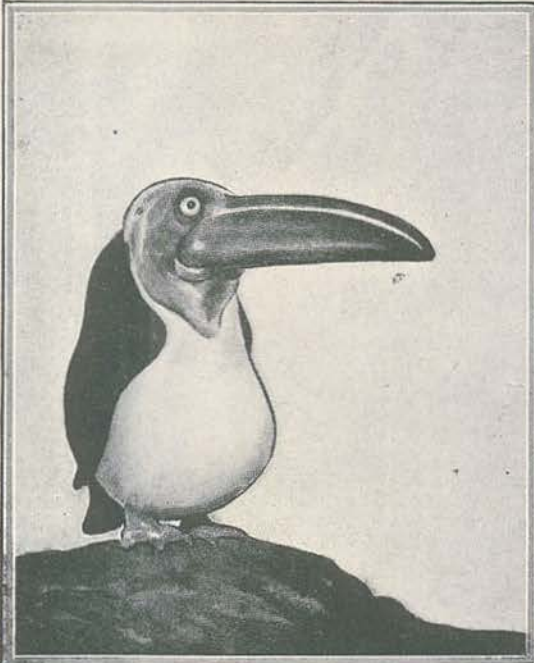
Recolhendo a quartéis

(Clíché Benoitte).



O NOVO MINISTERIO NO PALACIO DE BELEM. — Primeiro conselho, presidido pelo chefe do Estado: O sr. presidente da Republica, tendo à sua direita os srs. dr. Antonio José d'Almeida, dr. Mesquita de Carvalho, Norton de Matos, dr. Augusto Soares e dr. Pedro Martins, e à esquerda os srs. dr. Pereira Reis, dr. Afonso Costa, Vitor Hugo de Azevedo Coutinho e Antonio Maria da Silva—(«Glicé» Bonolle)

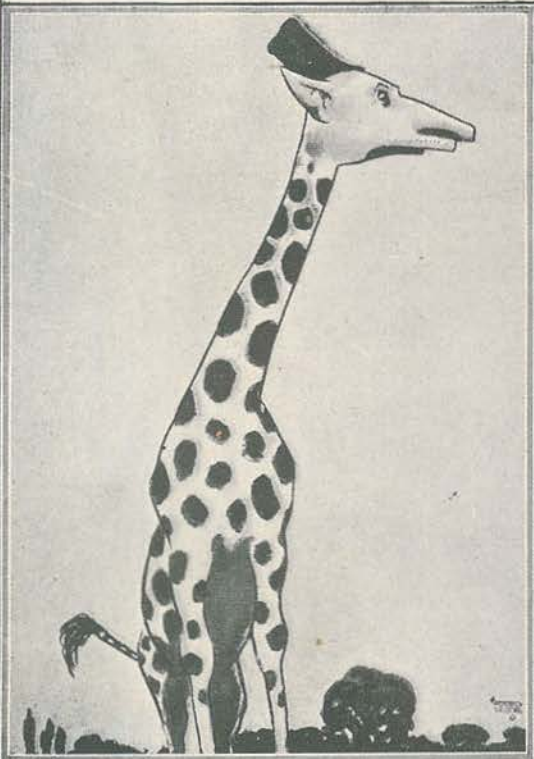
DÔ JARDIM ZOOLÓGICO INIMIGO



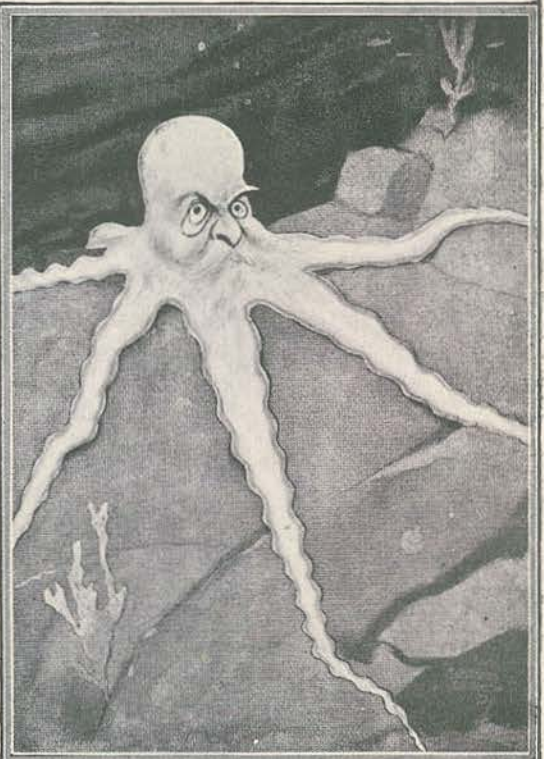
O palmípede Fernando



O abutre Kaiser



A girafa kronprinz



O polvo Tirpitz

(The Sketch).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continua o ataque a Verdun, mas já com intermitências que provam bem que os alemães consideram perdidas todas as esperanças de tomar a praça e de atravessar as linhas francezas em direção a Paris. E o inimigo continua, porque a suspensão do ataque equivaleria ao reconhecimento do tremendo cheque, que ninguém já pôde pôr em duvida. Todos os dias sacrifica gente de uma maneira pavorosa a essa teimosia arrogante de não se querer dar por vencido.

A lenda formidável do militarismo alemão encontrou em Verdun o seu termo perante a faticia e a valentia dos francezes. Enquanto a Alemanha dispoz de corpos de exercito com o treino de muitos anos, sob uma disciplina de ferro, ainda avançou sacrificando-os brutalmente; mas, dizimadas as velhas hostes sobre que ela baseava todo o seu poder ameaçador, as novas camadas que as vieram substituir estão comprometendo, e já agora hão de comprometer, felizmente, até final, pela sua indisciplina e falta de exercicio, todos os grandes empreendimentos ofensivos. D'esses 500.000 homens que eles atiraram em massa sobre as duas margens do Meuse, uma grande parte, não muito áquem do terço do efetivo, pertencia já á classe de 1916, cuja presença já se notava em dezembro passado na linha ocidental. Tendo a sua incorporação sido feita em setembro do ano

passado, vê-se o tempo insufficientissimo de instrução que essa gente pôde ter

Se são estas as taes reservas formidaveis com que a Alemanha projetava dar os ultimos golpes nos aliados, pouco haverá a recear de mais grave do que até aqui; mas o que é fóra de duvida é que ela com outros recursos, cujo valor não é facil calcular, vae tentar em novos pontos ações que a possam compensar da que acaba de perder. E os francezes contam com novas investidas, como contaram com aquela que tão gloriosamente anularam.

Comandados por um dos chefes mais prestigiosos do exercito francez, o general Pétain, cuja popularidade não será inferior á de Joffre, os heroicos defensores de Verdun não tem provado só o que os francezes valem como soldados, demonstram tambem bem alto o que eles valem como chefes. Pétain não só reforçou com um admiravel golpe de vista e prontidão inegualavel todos os pontos onde o inimigo tentaria fazer surpresas, como organizou um serviço de reservas que lhe permitia acudir de pronto a qualquer lo-



O general Philippe Pétain, heroico defensor de Verdun

cal onde, imprevisitamente, a ação dos assaltantes se tornasse mais intensa.

E foi assim que os alemães, onde quer que tentaram romper, encontraram sempre uma resistencia que, além de lhes inflingir um morticínio, como



Local nos arredores de Verdun onde rebentou uma granada alemã, vendo-se os destroços de um canhão

não ha memoria d'outro, desnortou completamente o seu comando. Dissemos que Verdun, não cedendo ao primeiro embate, tambem não cederia ao segundo. Hoje já

podemos dizer com desvanecimento que não cedeu ao terceiro, como decerto não cederá a nenhum outro.

Gloria aos vencedores de Verdun !



Um comboio de metralhadoras e munições á espera de ordens para serem empregadas contra os alemães nas proximidades de Verdun



Trincheiras destruídas nas avançadas de Verdun. Armas de soldados que morreram



Cosmheiros militares franceses que debaixo de vivo fogo feito sobre Verdun conseguiram levar comidas quentes aos heróis defensores das avançadas da praça.



Um heroe da aviação : —O tragico e heroico vôo do capitão Salomone

(Desenho de G. Palanti).



O Imperador da Russia inspecionando a sua cavalaria

Inglaterra e Russia.

— Como se sabe, o imperador da Russia foi nomeado marechal de campo do exercito inglez, honra esta que foi vivamente apreciada tanto n'este exercito como no russo. Os jornaes dos dois paizes teem celebrado largamente o facto que veiu estreitar ainda mais, se é possivel, os laços de camaradagem e confraternisação que



O Interesse do Imperador da "Russia" pelos seus soldados chega a ponto de provar repetidas vezes a comida que lhes é fornecida.

unem os dois povos perante o inimigo comum.

Uma das paginas mais curiosas que se lhe consagram é a da «Ilustração Inglesa», que, reproduzindo interessantes «clichés» tirados da revista do Czar ás suas tropas, a intitula espiritualmente: «O novo marechal de campo inglez comandante em chefe das tropas russas».



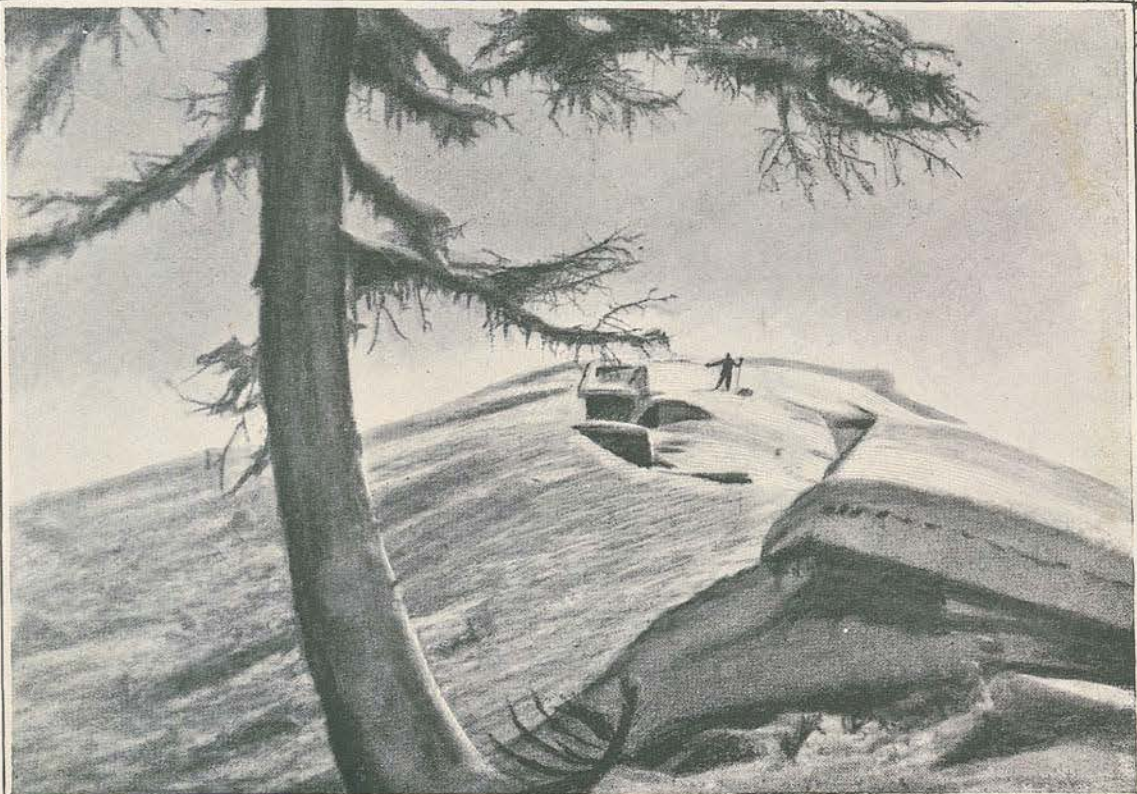
O imperador da Russia, depois de passar revista ás tropas, entra no seu automovel



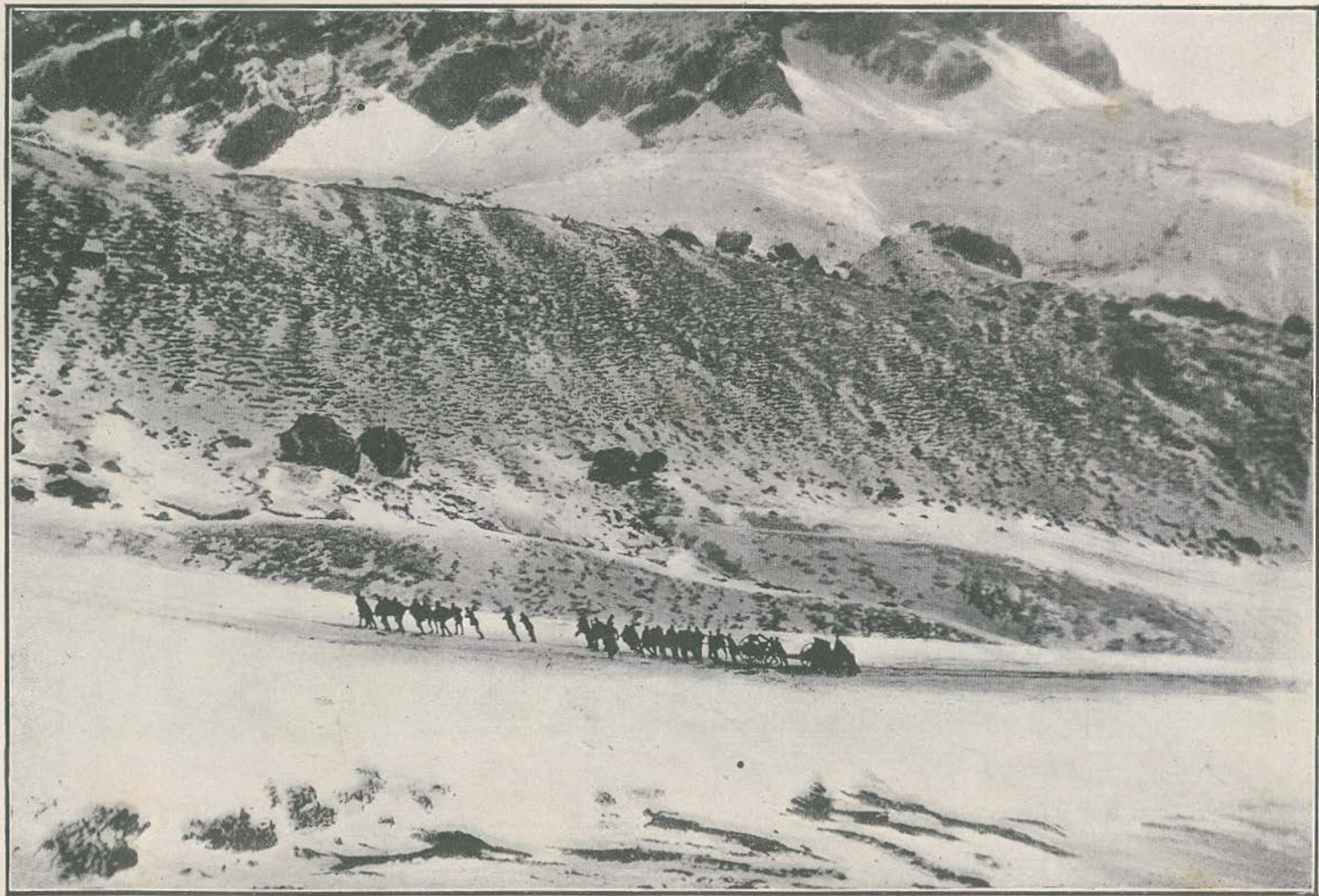
O imperador da Russia no campo de batalha



Nas faldas do monte de Lana a Tofane. — Oficiaes italianos no sitio denominado As Cinco Torres



Um reduto italiano a 2:500 metros de altitude



Condução de uma peça italiana de 75 sob os montes de Nuvolau



LE RETOUR

Poesia de «mademoiselle» Suzanne Teissier
Desenho de Ferreira da Costa

Lorsque vous reviendrez de la terre conquise
Laurés et triomphants comme des demi-dieux,
Toute femme sera pour vous une promise
Que vous prendrez de droit d'un bras victorieux.

La guerre aura souillé vos brillants uniformes
Marquant de coups affreux peut-être votre front,
Mais sur les traits des cicatrices qui déforment
Avec ivresse nos lèvres s'appuieront...

Nous croirons ajouter quelque chose à l'histoire
En palpitant d'orgueil sur vos cœurs peins de sang,
Laid ou beau, jeune ou vieux, à l'heure de la gloire
Vous serez le vainqueur superbe et tout puissant.

Les penseurs, les savants, les sublimes poètes
N'ont jamais l'absolu de notre corps hantain
Autant que les guerriers et les tueurs de bêtes
Car nous fûmes toujours la proie et le butin.

Et malgré nos pudeurs modernes qui s'effarent
Aux sauvages récits de viol et de mort,
Nous avons conservé des époques barbares
Le goût d'être ravie et d'échoir au plus fort.

Paris, 1916.

SUZANNE TEISSIER.

Esta formosa composição foi-nos oferecida pela distinta poetisa francesa mademoiselle Suzanne Teissier que a acompanhou de uma amabilíssima carta, que muito agradecemos, fazendo cativantes referências à nossa língua e à nossa atitude perante o conflito europeu.

Ferreira da Costa
Paris 1916

A CONQUISTA DE CAMEROUN



O bloquete alemão de Yoko, levantado no primeiro de dezembro pela coluna Brisset



Uma peça italiana de 148 disparando



Vítima da guerra—Uma soberba cabra monteza



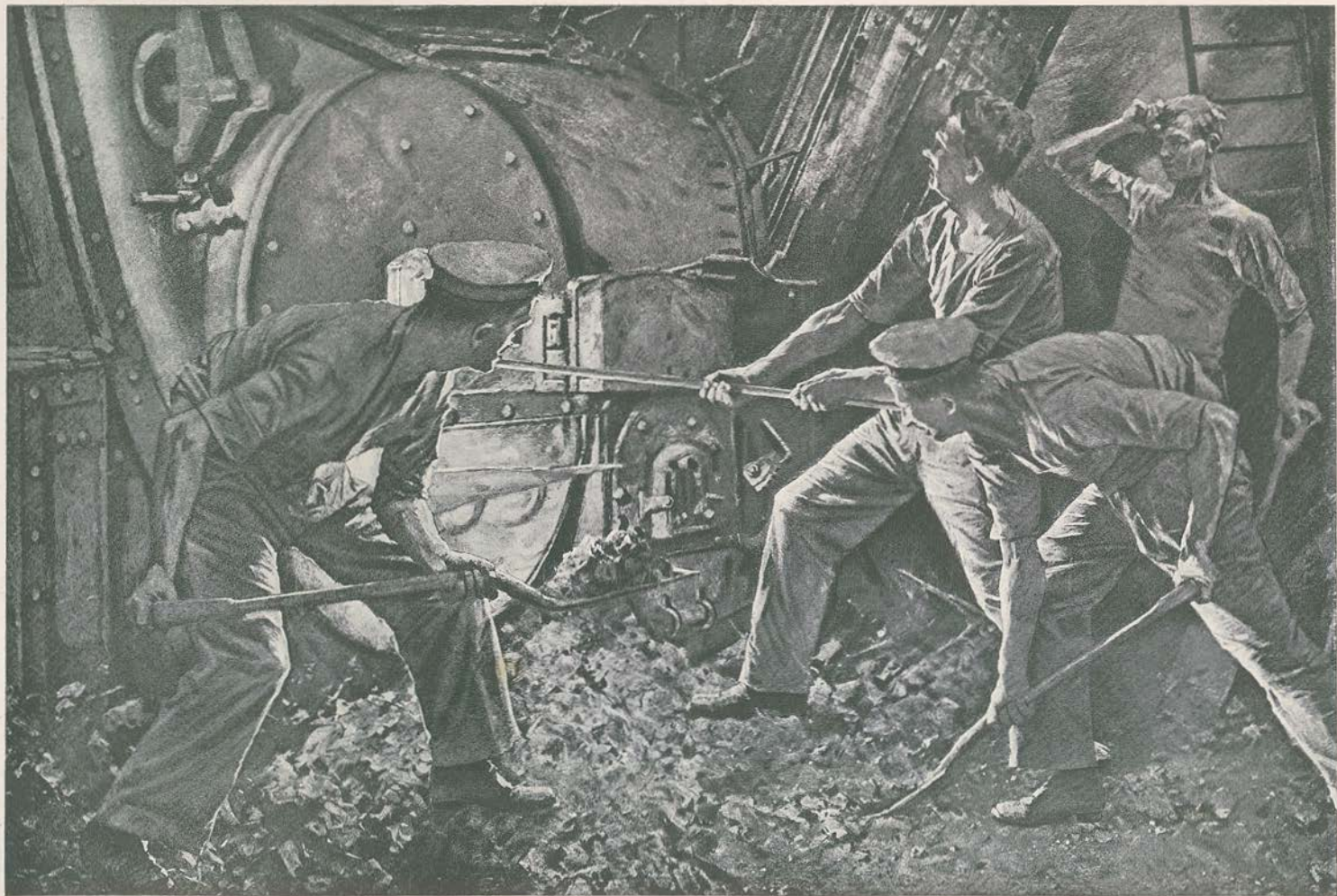
Salonica. — Desembarque de uma peça franceza de 120

(Clichê Excelsior).

A ITALIA NA GUERRA



Como se movem por vezes os canhões no mais difícil dos campos de batalha



Os que teem o segredo das velocidades.—Fogeiros alimentando as fornalhas de um navio de guerra Inguez.—(The Illustrated London News).



Em volta das trincheiras os soldados de infantaria franceza lavam as suas botas impermeaveis cobertas de lama.



2



3

2. Na Argone.—Partida dos soldados para as trincheiras da primeira linha.—3. Partida para a primeira linha de um comboio de material para abertura de trincheiras.—(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos à *Ilustração Portuguesa*).



A esquadra inglesa no Mediterraneo faz saltar velhos faroes



Os ingleses inspecionam uma trincheira que acabam de conquistar aos alemães



Outra trincheira abandonada pelos alemães aos ingleses que a atacaram energicamente



Soldados franceses na região de Craonne no intervalo de dois grandes combates



Em Verdun.—1. A catedral e a casaria na margem do Mosa.—2. Bateria d'artilharia pesada funcionando por detraz de uma espessa sebe
(Clichê da secção fotografica do exercito francez).



Morç-Amor

A criança que toda a santa manhã andára brincando, contente como uma ave que um dourado sol de primavera acordasse entre as ramarias em flor ao alvorecer da luz, entrara em casa com as faces escarlates e os olhos rutilantes de febre, murmurando na sua debil voz infantil:

—Mãe, doe-me muito!

E apontava para a cabeça com os dedinhos tremulos.

Maria, inquieta, tomou-a nos braços, pegou-lhe ao colo, amimou-a com palavras que o temor sobressaltava. Pousando-lhe a mão sobre a testa, assustou-se. A pele ressequida do doente escaldava.

—E' aqui que te doe, meu filho?—perguntou.

—E'!...—gemeu o enfermo.

As suas palpebras cerravam-se pesadas de sonolencia e o rubor da cara aumentava. Respirava com esforço, agitadoamente.

—Andaste ao calor, não é verdade?

—Andei!

—Não é nada, não é nada. A'manhã estarás melhor. Agora vaes para a cama...

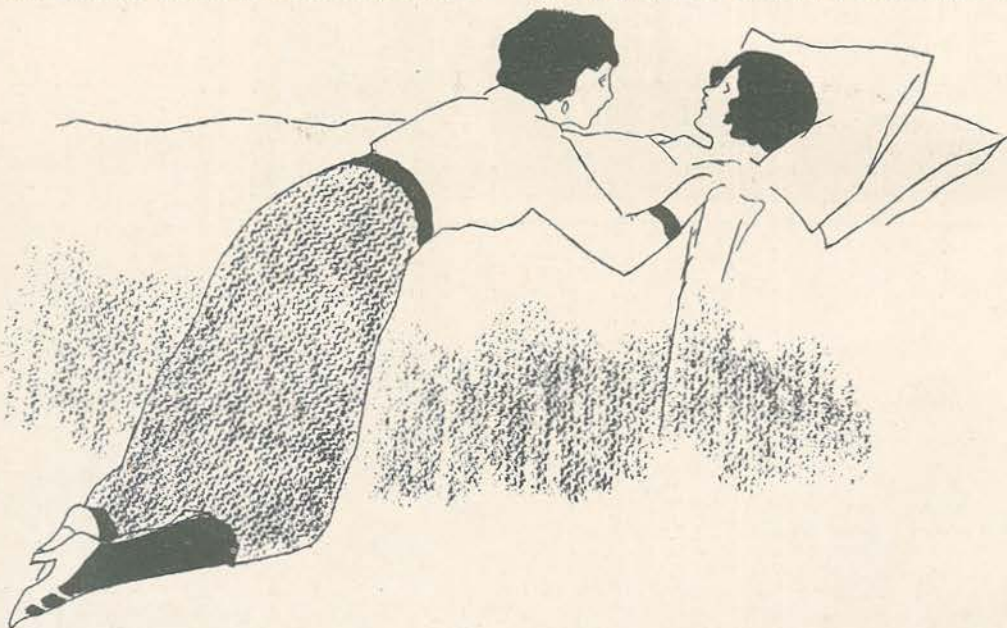
Com infinitos cuidados, fazendo mais leves os

Chamou a criada, mandou procurar um medico a toda a pressa, porque a respiração do enfermo cada vez se tornava mais ofegante, como se um grande peso lhe esmagasse o peito. Depois, colocando uma cadeira perto da cabeceira do leito, sentou-se. Tinha fechado a janela que dava para o quintal, para que a crueza da claridade não ferisse a vista da criança, sofredora e paciente. No compartimento espalhava-se uma penumbra veludosa, que exagerava, alongava as linhas dos moveis. Numa jarra de vidro azul, diante da imagem da Virgem, agonizavam violetas que vagamente perfumavam o ambiente...

Com a face inclinada na palma da mão, Maria meditava, enquanto ia esperando pelo medico. Envolvia constantemente o pequeno num olhar de afeto e de indizível compaixão e mentalmente pensava na injustiça de um Deus que fazia sofrer os seres virginaes, limpos de toda a culpa e que a vida não tivera ainda tempo de macular dos seus males inevitaveis, dos seus vicios impuros, dos seus crimes.

—Antes fosse eu a padecer, meu Deus, que sou mais forte e tenho mais pecados e amarguras!—monologava ela, com as lagrimas caindo, redondas e grossas, pela cara macerada.

De fóra, da rua, chegavam aos seus ouvidos rumores de conversas, o estrepito dos carros que passavam a galope nas calçadas, o canto idílico dos



seus dedos para não maguar a carnhinha tenra do filho, Maria despiu-o docemente e foi deital-o. Sobre a alvura do travesseiro espalhou-se uma nuvem de cabelos louros e anelados que enquadravam a fronte angelica do pequenito, destacando-se vivamente na brancura da roupa. A frescura dos lençoes pareceu reanima-lo um momento, porque fitando o olhar na mãe, teve um ligeiro sorriso dolorido.

—Estás assim mais sossegadinho, amor?

—Estou. Mas não se vá embora, não saia do quarto. Tenho medo...

—Descança, vá. Não te deixo só—prometeu Maria, afagando-lhe os cabelos e beijando-o longamente no rosto.

passaros escondidos na folhagem dos arvoredos, enquanto a tarde melancolicamente descia:—e todos estes ruídos se escoavam com brandura sem que Maria lhes ligasse a menor atenção. Que lhe importavam as manifestações exuberantes de uma existencia descuidada e feliz que transbordava ao ar livre? O seu interesse supremo confinava-se totalmente no estreito espaço marcado por quatro paredes, onde havia um leito inocente e sobre ele um corpinho fragil torturado pela dôr, corpo que ela gerára no seu ventre, que alimentou com o branco leite immaculado dos seus seios e em que punha a sua maior ilusão de mulher desgraçada e o seu admiravel orgulho de mãe!!!

—Ah! Se ele morresse, justos céus, se ele mor-

resse!... — murmurava Maria, torcendo as mãos com desespero.

De novo se curvava, mansamente, sobre o travesseiro, beijando o filho com beijos de infinita suavidade. A confiança apaziguava-a. Não morreria, de certo, não podia crer em tamanha crueldade. Bastante havia padecido já, em seis anos de casada, resignando-se às maiores humilhações, devorando em silêncio a angústia do seu abandono, curtindo as maiores aflições sem se queixar, sem se lamentar, sem se revoltar contra a tristeza dum destino que não merecia! Deus restituiria ao seu amor, à sua veneração purificada, já sarado e vigoroso, aquele pobre filho que poucas horas antes enchia a casa inteira com a música inefável do seu riso...

O doente fez um movimento, descerrou as pálpebras, fitando Maria com um olhar viçoso.

— Ainda te doe, meu amor?
— inquiriu ela com solicitude.



— Doe-me muito, mãe! — sussurrou o enfermo. A criada abriu mansamente a porta do quarto, aproximou-se de Maria na ponta dos pés e disse:

— Minha senhora, o médico está lá em baixo.

— Mande-o subir, imediatamente...

Levantou-se com cautela, para não fazer barulho, foi ela mesmo esperar o homem providencial de quem talvez dependesse a saúde, a salvação do seu filho: mas o enfermo, presentindo-lhe os movimentos, outra vez pediu:

— Não se vá, mamã... Venha para aqui... Tenho medo, muito medo...

— Espera um pouco, amor. Volto já.

O médico entrou, pousando o chapéu e a bengala numa cadeira, fóra do quarto, tomou o pulso da criança, arregaçou-lhe as palpebras, observou-lhe os lábios, e logo às primeiras análises esboçou um gesto de desalento.

— E' grave a enfermidade, senhor doutor? — perguntou Maria.

— Tem alguma gravidade, minha senhora.

— Mas está tudo perdido?... — acudiu Maria com um soluço e agarrando-lhe nervosamente o braço.

O médico teve piedade da mãe desditosa, hesitou na resposta, procurou tranquilizá-la:

— Tudo perdido, não... Nesta idade, os organismos possuem um poder de resistência incomparável... Enquanto vivem, resta sempre alguma ilusão de cura... Tenha coragem!

Reclamou o papel, recebeu, deu instruções ácerca da maneira de aplicar os medicamentos e ordenou que se os sintomas do mal se agravassem, o fôsem chamar sem demora. Maria escutava-o retendo a custo o pranto que teimava em cegá-la.

— Não chore! — consolou o médico. Por enquanto, não ha razões para esse choro. Não desespere.

— Que ha de fazer uma desditosa mãe se não chorar, senhor doutor?

— Mas se eu lhe digo que confie!...

Despediu-se, pegou no chapéu e na bengala, desceu as escadas e saiu, enquanto Maria, depois de ter mandado a criada a uma farmácia, voltou a sentar-se junto do leito do filho, aconchegan-

do-lhe a roupa á volta dos ombros e acariciando-o. — Mãe, quem era aquele homem? — interrogou o doer te.

— Um teu amigo, meu amor. Veiu a nossa casa, para fazer-te bem.

— Tenho medo!... Tenho medo! — repetia ele.

— Medo de quê? Estou perto de ti, vês? Dá cá a tua mão... Assim!... Agora ninguém aqui virá. Dorme um bocadinho, para melhoraes...

Sorrindo doloridamente, com a sua mãosinha, que queimava, entre as da mãe amorosa, a criança fechou os olhos para dormir. Um suor frio porejava-lhe da fronte, em que se empastavam os cabelos. A respiração era sibilante...

Baixavam apressadamente as sombras noturnas. Já pelas ruas se acendiam os candieiros de iluminação pública. O ruído exterior afrouxava.

Então, Maria, com os olhos rasos de água e a descrença na alma, começou a evocar o seu infortúnio, que parecia não ter fim. O passado iluminava-se subitamente na sua memória, numa rápida sucessão de quadros. Lembrava-se dos menores detalhes da sua vida, da confiança e da simpatia com que

fôra levada para Vicente, por um ardente e sincero impulso de amor, da doçura da felicidade inenarrável dos seus primeiros anos de casada. Em saborosos mezes, que tão ligeiramente deslizarão e que atrás de si apenas deixaram a saudade, vivera toda a ventura—uma ventura que chegou a julgar perpetua e que tão rudemente havia de mentir-lhe. O filho, Luiz, nascêra dois anos depois do seu casamento e foi como se no seu lar sereno e florido se erguesse uma aurora! Ainda agora via, numa aleluia de esplendor, Vicente dobrar-se sobre o berço em que o pequenino vagia, agitando os bracinhos rosados, para posar-lhe um beijo doce na face, que era gorda e que se vincava em covas, quando ele sorria! Considerou Maria que aquele fraco ser teria a força necessária para prender para sempre o marido à esposa e que enlearia o amor de ambos em tão estreitos laços que ninguém seria capaz de os desatar. Entre uma adoração que parecia indestrutível desabrochára a graça, o encanto, a ternura, a beleza de uma flôr pura!... Sonhos vãos...

Maria foi interrompida nas suas divagações pela criada, que regressava com os medicamentos receitados pelo medico. Despertou o filho, que acordou alvoroçado e dizendo, no delírio da febre, palavras sem nexos, o que a alarmou. Fe-lo tomar uma colher de remedio. O doente insurgia-se, mas ela, meigamente, venceu a sua teimosia.

—E' para sarares e voltares aos teus arcos, aos teus cavalos, aos teus soldados de chumbo, meu amor.

A noite fechara-se completamente. Sob um céu profundo e cheio de estrêlas, que dardejavam, a cidade dormia, mergulhada em sombras discretas. Maria fechou o bico de gaz, acendeu um candieiro com *abat-jour* verde, embrulhou-se num chaile de lã e foi estender-se num canapé estofado que mandára pôr à beira da cama do enfermo. A solidão pezou então mais duramente à sua roda. Enquanto em tantas outras vivendas a infancia dormiria um sono inalteravel e pacifico, velada pelas aparições sídeas, o seu pobre filho, contentamento unico de lancinantes desventuras, padecia amargamente, sem que ela podesse suavisar-lhe o padecimento. Mãe de Misericordia! Como a sorte era aspera para certas creaturas! E porquê, porquê? Nunca fizera mal a ninguém, socorria as mãos exangues dos mendigos que batiam à sua porta donde a alegria fugira, devotara-se aos outros, fôra uma sacrificada que se não insurgira contra os sacrificios, tornára, na desdita, mais funda e perfeita a sua crença religiosa! Tudo inutilmente! No seu caminho só encontrava a desilusão, o sofrimento, o abandono. A'quella hora adeantada e solitaria da noite, seu proprio marido folgaria com a amante por quem a trocára, não porque fosse mais amado, mas pela sedução duma formosura que a sua perdêra, queimada pelo fogo das lagrimas.

—Mãe, tenho medo!—gemêra Luiz, revolvendo a cabeça sobre o travesseiro.

Maria passou-lhe levemente a mão pela face, ameiando-o e murmurando:

—Sossega, meu amor, sossega!...

Novamente, quando o pequenino recaiu na sua sonolencia, Maria recordou varios episodios da sua vida extinta—uma vida que ia já muito longe e de que ainda conservava uma lembrança grata como um perfume. Vicente começara a ser menos terno com ela justamente mezes depois do nascimento do filho. Entrava em casa a deshoras, preocupado, respondendo com irritação ás suas perguntas, falando-lhe com enfado ou desabridamente, repelindo o seu afêto com tédio. Se ella lhe fazia alguma observação ou formulava uma vaga queixa, exasperava-se, praticava desatinos ou ria se sarcasticamente. Uma vez dissera-lhe, mesmo, que se não estava bem era pela porta que se saía para a rua. Apesar disso, Maria suportava-o, procurando o desafogo no pranto e estreitando o filho nos braços, exclamando:

—Só te tenho a ti neste mundo, meu amor!

Por fim, Vicente abandonou definitivamente o lar, indo viver com a amante, uma costureira que

seduzira e que instalára numa vivenda proxima, com elegancia e luxo. A Maria enviava mensalmente uma pequena mesada que ella aceitava, porque seu pae, um modesto empregado publico, não lhe legára qualquer fortuna, ao morrer. Daí em diante, todo o seu amor, todo o seu sentimento afêto, todo o seu espirito de devoção, se concentraram nesse filho que era o seu enlevo, a sua companhia, o seu futuro. E agora, esse mesmo filho, por quem ella daria o sangue das veias, a luz dos olhos sem um minuto de hesitação, parecia querer abandonalla tambem.

—Senhor, Senhor, tem caridade!— soluçava ella angustiadamente.

A noite foi longa e atribulada. Maria, que de duas em duas horas, tinha de medicar o enfermo, não repousou um momento. A claridade matinal veio surpreende-la palida, com os cabelos em desalinho e os olhos encovados. Apagou a luz, abriu uma frincha da janela, espreitou Luiz que agitava as mãos, inquietamente. Alvoroçada, quiz despertalo da sua madorra, mas a criança, abrindo as palpebras, mostrou os olhos revirados.

—Jesus, Jesus! O meu filho morre, Maria Santissima!...

Os seus gritos alarmaram a habitação, acudindo a criada.

—Vá chamar o medico! Depressa!... E olhe!... Procure tambem o senhor na casa em que sabe e diga-lhe que o menino está a morrer!...

Ajoelhando junto do leito, Maria, num choro que a transtornava, implorou:

—Luiz, meu amor! Não morras! Não deixes a tua mãe, que tanto te quer!...

Mas o doente continuava a agitar as pobres mãos, revirando os olhos e torcendo a boca, sem a ouvir. Quando o medico, chegou, Maria, correndo para elle, exclamou:

—Salve-o, sr. doutor, e mate-me a mim!...

Ele afastou-a brandamente, comovido e dizendo:

—A meningite! A meningite!...

Tremia-lhe uma lagrima ao canto dos olhos.

—Não ha nada a fazer, minha senhora. A ciencia nada pode contra designios mais altos!

A manhã resplandecia. Num céu translucido brilhava um sol de ouro, com um brilho de luz intensa incidindo sobre um cristal.

—Nada a fazer!... Nada a fazer!...—repetia Maria num alheamento de loucura.

Com effeito o enfermo, em seguida a uma convulsão mais forte, ficou imobilizado, morto sobre o leito. Em breve a sua frente se cobriu duma palidez de cêra. O medico saíra desorientado. Enoveladas sobre a roupa da cama, Maria e a criada—que tinha voltado—lamentavam-se em altos brados, quando de subito Vicente, sem gravata, com os cabelos desmanchados, entrou no quarto onde o filho acabára de expirar.

—Luiz, Luiz!—gritou.

—Morreu agora mesmo!—soluçou Maria, apertando nervosamente o pequenino cadaver nos braços. Já não chegaste a tempo de ve-lo com vida!

Vicente, de pé, com uma tremura na face, contemplava a cena dramatica. Sentia na garganta uma constrição que o sufocava.

—Estou só, só!—bradava Maria—mais só do que os engeitados... De resto, eu sou tambem uma engeitada. Só tu me não engeitaste, meu amor!—dizia ella agarrada ao filho e cobrindo-o de beijos e de pranto.

Vicente rompeu num fundo choro. Com os olhos enevoados, avançou lentamente para o leito, beijou o morto, e voltando-se para a esposa, como se na sua alma se fizesse de repente, uma revelação, pediu:

—Maria, perdoa-me!

—Sempre te perdoei—afirmou ella.

—Que este cadaver nos reconcilie!—exclamou elle, abraçado em Maria e confundindo com as dela as suas lagrimas.

JOÃO GRAVE

FIGURAS E FACTOS



Dr. Marnoco de Sousa.— Faleceu ha dias em Coimbra o sr. dr. Marnoco de Sousa, antigo lente da faculdade de direito da Universidade. Era um dos mais abalisados

jurisconsultos, como o demonstrou nas inumeras obras que deu á publicidade, e nas quaes se aprecia a

O sr. dr. Marnoco de Sousa

sua invulgar intelligencia na explanação de todas as doutrinas e orientações que com tanta proficiencia discutia.

Em todas as cadeiras que regeu, e que lhe mereceram cuidados e disvelos dignos do maior apreço, deixou bem vinculada a sua passagem pelas brilhantes preleções educativas, assás scientificas e muito eluoidativas para os seus alunos, que o estimavam não só como mestre de cultivado espirito, mas como amigo sincero e dedicado.

Por isso a sua morte foi muito sentida por toda a academia universitaria, e ainda pelas classes mais distintas da douda cidade, que admiravam o sr. dr. Marnoco de Sousa como uma das maiores intellectualidades do nosso tempo e como uma individualidade de grande destaque pelo seu caracter honesto e seriissimo.



Exposição de quadros a pastel.— O illustre professor de desenho e pintura, sr. Leopoldo Battistini, expoz na bela sala da Misericórdia do Porto alguns trabalhos seus a pastel, genero em que ele é eximio. A exposição foi muito concorrida pela primeira sociedade portuense, constituindo mais um titulo de gloria para o talentoso artista, de que reproduzimos um dos quadros.



A cheia em Alcantara.—Um aspeto das Inundações -- (Cliché Benollet)



A Associação dos Calxeiros na sua visita às oficinas e outras dependencias do Secuto, onde foi recebida pelo sr. Faisca Junior, fiscal das mesmas oficinas.—(Cliché Benollet)



2



2A

As subsistências na Regua. — Pela Regua também, como de resto em todo o paiz, se fez sentir a falta de generos de primeira necessidade, tendo a sua camara municipal de intervir, adquirindo-os para directamente ao vender ao povo, que anciosamente esperava pela sua vez para se poder fornecer de milho, que tão necessario é á sua alimentação.



3

2. TIRO AOS POMBOS.—O sr. dr. Elísio de Castro, primeiro classificado, tendo á sua esquerda o sr. José Oliva, 2.º classificado, e á direita o sr. José Burgos, que obteve a terceira classificação para a «Taça Lisboa».—(Cliché Garcez).—3. DO PORTO A LISBOA.—Uma paragem no regresso: O sr. Silverio Nobre, montado, na sua motociclete, trazendo no «tender» o sr. Geraldo de Carvalho e no «Side-Car» o sr. Nuno de Carvalho.—4. NA REGUA.—O povo junto ao armazem de viveres da Camara Municipal, contido pela guarda republicana, espera, debaixo de chuva, que lhe seja vendido milho.—(Cliché do sr. Antonio Teixeira).

Do Porto a Lisboa e volta, em motociclete. — Acompanhado dos srs. Geraldo e Nuno de Carvalho, fez o sr. Silverio Nobre, do Porto, uma brilhante prova de resistencia em motociclete d'aquella cidade a Lisboa e vice-versa. Apesar do pessimo estado das estradas em diferentes pontos, a viagem fez-se sem o menor incidente, deixando as mais agradaveis impressões.



A MÃO FATAL

No dia 2 de abril proximo **O SECULO** começará a publicar em folhetim o 1.º episodio do grande romance-cinematografico

OS MISTERIOS DE NEW-YORK

e no dia 10 do mesmo mez, o *Olimpia* começará a exhibir a fita correspondente a esse episodio.

OS MISTERIOS DE NEW-YORK

são a obra mais empolgante da atualidade, aquella em que um autor de raro engenho conseguiu fixar tudo o que é suscetivel de interessar o leitor, de lhe despertar enorme e justificada curiosidade.

Ao lado das peripecias emocionantes que caracterisam a luta sem treguas entre o ardiloso chefe da *Mão Fatal* e o *detective* Justus Claret surge a delicada e espiritual figura de Elaine Dodge a heroína do soberbo romance que *Pierre Decourcelle* adotou do americano.

No dia 2 de abril n' O SECULO

No dia 10 de abril no OLIMPIA

OS MISTERIOS DE NEW-YORK

Tradução portugueza de JORGE DE ABREU



EGAS MONIZ PERANTE O REI DE LEÃO

DOS "QUADROS DA HISTORIA DE PORTUGAL" DE CHAGAS FRANCO E JOÃO SOARES

Esta magnífica tricromia, executada nas oficinas da «Ilustração Portuguesa», representa o cavalheiresco episódio em que se afirmou a lealdade do aio de Afonso Henriques. Estamos convencidos de que a maravilhosa interpretação dada pelo pincel de Roque Gameiro ao histórico acontecimento ha-de deliciar os nossos leitores.